

ARTIGO ORIGINAL

ASSOCIAÇÃO DAS FONTES DE RENDA COM O SEXO DE IDOSOS EM UMA COORTE POPULACIONAL DE CLASSE MÉDIA-ALTA EM UM GRANDE CENTRO URBANO

ASSOCIATION OF THE SOURCES OF INCOME WITH THE SEX OF THE ELDERLY IN A MIDDLE-UPPER CLASS POPULATION COHORT IN A MAJOR URBAN CENTER

Alessandra Paula Ferreira Moreira Neumann¹
Luiz Roberto Ramos⁴Francieli Aline Conte²Frederico Molina Cohrs³

¹ Graduada em Administração e Gestão Pública. Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: ale11.neumann@gmail.com

² Graduada em Nutrição. Doutora em Educação. Professora Associada da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijui). E-mail: francieli.conte@unijui.edu.br

³ Graduado em Administração. Doutor em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: fcohrs@unifesp.br

⁴ Graduado em Medicina. Doutor em Gerontologia pela Universidade de Londres. Professor Titular da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: lrramos1953@gmail.com

Resumo

O estudo das condições sociodemográficas entre homens e mulheres, apesar das melhoras ao longo das décadas, ainda persiste. Mas será que isso também ocorre entre os idosos? Este estudo visa investigar a relação entre renda e sexo em uma coorte de idosos de classe média-alta em um município da região sudeste do Brasil. Trata-se de um estudo transversal de caráter quantitativo, oriundo de uma coorte. Participaram 1089 idosos, que responderam ao questionário WHOQOL (1998). O estudo mostrou que as mulheres eram menos ativas economicamente que os homens; contudo, entre as idosas que trabalhavam, estas exerciam trabalho remunerado por mais tempo. Além disso, as mulheres detinham menor renda em relação aos homens ($p < 0,01$) e trabalhavam sem remuneração duas vezes mais que os homens ($p < 0,01$). As mulheres apresentaram maior percentual sem aposentadoria ($p > 0,01$) e, quando se aposentaram, utilizaram a modalidade de aposentadoria por idade ($p < 0,01$), enquanto os homens se aposentaram por tempo de serviço ($p < 0,01$). As fontes de renda e o acesso à aposentadoria mostraram-se desiguais para o gênero feminino. Apesar dos direitos garantidos, as mulheres tinham piores condições econômicas também na fase idosa, e a esta desigualdade de renda soma-se a dupla jornada de trabalho associada ao sexo feminino.

PALAVRAS-CHAVE

Mulheres. Homens. Idosos. Perfil socioeconômico. Fontes de Renda.

Abstract

The study of sociodemographic conditions between men and women, despite improvements over the decades, still persists, but does this also occur among the elderly? This study aims to investigate the relationship between income and sex in a cohort of upper-middle class elderly people in a municipality in the southeast region of Brazil. This is a cross-sectional, quantitative study, originating from a cohort. 1089 elderly people participated, who responded to the WHOQOL questionnaire (1998). The study showed that women were less economically active than men, however, among older women who worked, they held paid work for longer. Furthermore, women had lower income compared to men ($p < 0.01$) and worked without pay twice as much as men ($p < 0.01$). Women had a higher percentage without retirement ($p > 0.01$) and when they retired, they used the retirement modality based on age ($p < 0.01$), while men retired based on length of service ($p < 0.01$). Sources of income and access to retirement were unequal for women. Despite guaranteed rights, women had worse economic conditions even in their elderly years, and this income inequality was compounded by double working hours.

KEYWORDS

1 Introdução

O aumento da expectativa de vida é um dos avanços mais significativos da raça humana, seguida de melhores condições de saúde. Alguns dos principais aspectos que favorecem esse cenário são a queda da fecundidade e redução da mortalidade infantil e adulta prematura (Camarano; Kanso; Mello, 2004). Tais mudanças podem ser explicadas por importantes alterações demográficas, sociais e econômicas, em conjunto com a formulação e implementação de políticas públicas (Souza, 2015).

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em suas projeções, aponta para um crescimento da população idosa, além de mudanças da expectativa de vida e mudanças na pirâmide demográfica. Em 2018, o IBGE divulgou a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua – Características dos Moradores e Domicílios), demonstrando ter havido um aumento no número de pessoas com idade de 60 anos ou mais, atingindo em 2017 a marca de 30,2 milhões habitantes idosos no Brasil (IBGE, 2018).

De acordo com as projeções da Agência de notícias do IBGE, em 2060, o percentual da população com 65 anos ou mais de idade será de 26,8%. Em 2013, esse percentual era menos do que um terço desta estimativa, 7,4%. As projeções também apontam para uma redução gradual da natalidade, promovendo uma mudança da estrutura etária em forma de pirâmide para um formato mais retangular, com estreitamento da sua base (IBGE, 2013).

Apesar do grande crescimento da população idosa, desde os anos de 1990, é possível observar proporcionalmente, uma diminuição da participação no mercado de trabalho nessa fase. Contudo a população idosa economicamente ativa é maior do que o da economicamente ativa (PEA) no Brasil (Felix, 2016).

De acordo com o Censo Demográfico do IBGE de 2016, a proporção de pessoas do sexo feminino idosas era maior do que de pessoas do sexo masculino, tendo em vista que as mulheres vivem no Brasil, em média, 08 anos a mais do que os homens (IBGE, 2016). No que tange as questões ao sexo feminino e masculino na velhice, é possível verificar que mulheres e homens idosos vivenciam essa fase de formas diferenciadas, primordialmente na fase da aposentadoria, considerando-se as experiências individuais vividas anteriormente, resultado da modificação de um processo cultural (Schneider; Irigaray, 2008).

Com relação à participação das mulheres, muitas legislações em todo o mundo não apresentam proteção completa ao trabalho feminino, trazendo conteúdo insuficiente para permitir que haja igualdade de oportunidades entre os gêneros. Para as mulheres idosas, o trabalho seria exercido de formas ainda mais desfavoráveis quando comparado com ao dos homens idosos. Contudo, elas têm como vantagem a possibilidade de trabalhar em âmbito doméstico para seus familiares, seja para realizar trabalhos manuais ou cuidar de outras pessoas. Isso lhes oferece mais chances de aliar o trabalho ao lazer, enquanto os homens muitas vezes não exerceriam tais atividades (Kreling, 2001).

A problemática do gênero afeta categoricamente a forma como o trabalho da mulher é enfraquecido no final da sua carreira e influencia seu encerramento cada vez mais cedo. A separação por sexos no trabalho diminui também a possibilidade de uma mulher idosa continuar a trabalhar após os 60 anos. Embora isso tenha ganhado visibilidade ano após ano, como desmistificar isso? Acredita-se que apresentar resultados de associações de renda e gênero pode ajudar na quebra desse paradigma, contribuindo para que a participação feminina seja mais efetiva e igualitária.

Dados mostram que as pessoas têm envelhecido com melhores condições financeiras (Cardoso, Dietrich, Souza, 2021) e que um fator substancial para essa melhora tem sido a garantia do direito à aposentadoria.

Para além disso, os idosos têm passado a procurar novas atividades que preencham seu tempo livre, encontrando uma nova maneira de fazer e de encarar o trabalho (Rodrigues; Soares, 2006).

O trabalho na velhice pode ser visto como um fundamento não só para a subjetividade das pessoas e para a formulação de sua identidade e realização pessoal, mas também apresenta características práticas. Ele permite que sua imagem seja diferenciada, assumindo o papel de trabalhadores, assim como nas fases anteriores da vida, aumentando sua renda e permitindo a intervenção nas decisões da casa (Ribeiro *et al.*, 2015).

Entende-se que boa parte das mulheres idosas tiveram suas vidas baseadas no padrão da sociedade patriarcal, no qual o homem usufruía do espaço público e trabalho formal, enquanto elas permaneciam no âmbito doméstico (Bulla *et al.*, 2013), o que, por sua vez, repercutiu sobre suas vidas e sobre direitos (trabalhistas e previdenciários, por exemplo) na fase idosa.

Assim, o objetivo dessa pesquisa foi investigar a relação entre renda e o gênero em uma coorte de idosos de classe média-alta em um município da região sudeste do Brasil.

2 Método

Trata-se de um estudo exploratório, de caráter quantitativo e analítico, originado de uma coorte aberta com participantes idosos com 60 anos ou mais, iniciada no ano de 1991, com moradores de um bairro na cidade de São Paulo, região sudeste do Brasil.

A partir de 2008, iniciou-se uma nova onda, caracterizando o Projeto Epidoso II. A pesquisa foi realizada pelo Setor de Estudos do Envelhecimento da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), utilizando o mesmo questionário estruturado com vários instrumentos (AGA gerontológica e AGA geriátrica (Ramos *et al.*, 2013). Obteve-se um total de 1089 questionários preenchidos.

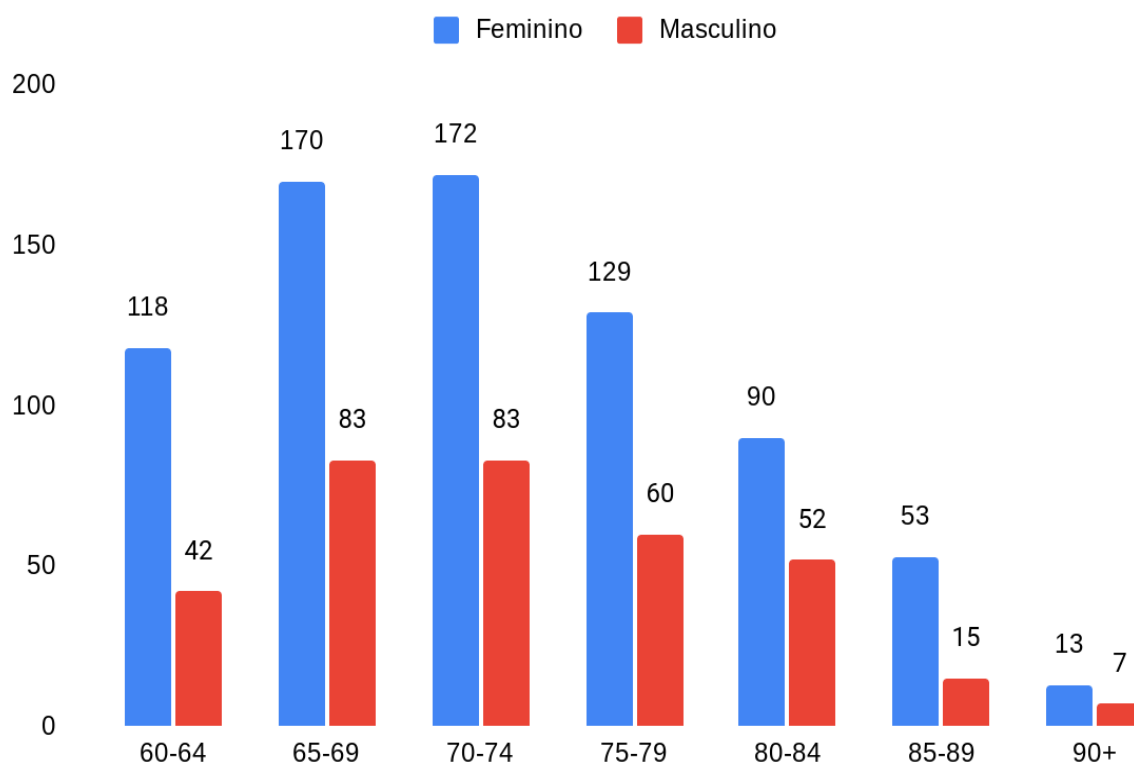
A análise estatística de todas as variáveis considerou testes descritivos e analíticos, como testes de associação entre as variáveis, por meio do teste Qui-quadrado de Pearson e análise de diferença de proporções, por meio do Teste Z. A análise considerou um nível de confiabilidade de 95%.

Todos os participantes eram residentes do bairro de classe média-alta, passaram pela triagem e atendimento médico do Centro de Estudos do Envelhecimento e tinham acima de 60 anos. Todos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de ética, sob número de parecer CAAE nº 06842918.8.0000.5505.

3 Resultados e Discussão

Fizeram parte do estudo 1089 idosos, com idade igual ou acima de 60 anos, sendo 68,41% (n=745) mulheres e 31,59% (n=344) homens. A maior concentração de participantes, em ambos os sexos, estava na faixa etária de 65 a 74 anos, conforme demonstrado no Gráfico 1. A faixa de menor idade (60 a 65 anos) não teve a maior concentração de pessoas, diferindo do IBGE, por se tratar de uma coorte que já vinha sendo acompanhada há vários anos.

Gráfico 1- Distribuição de idosos de acordo com a faixa etária e sexo.



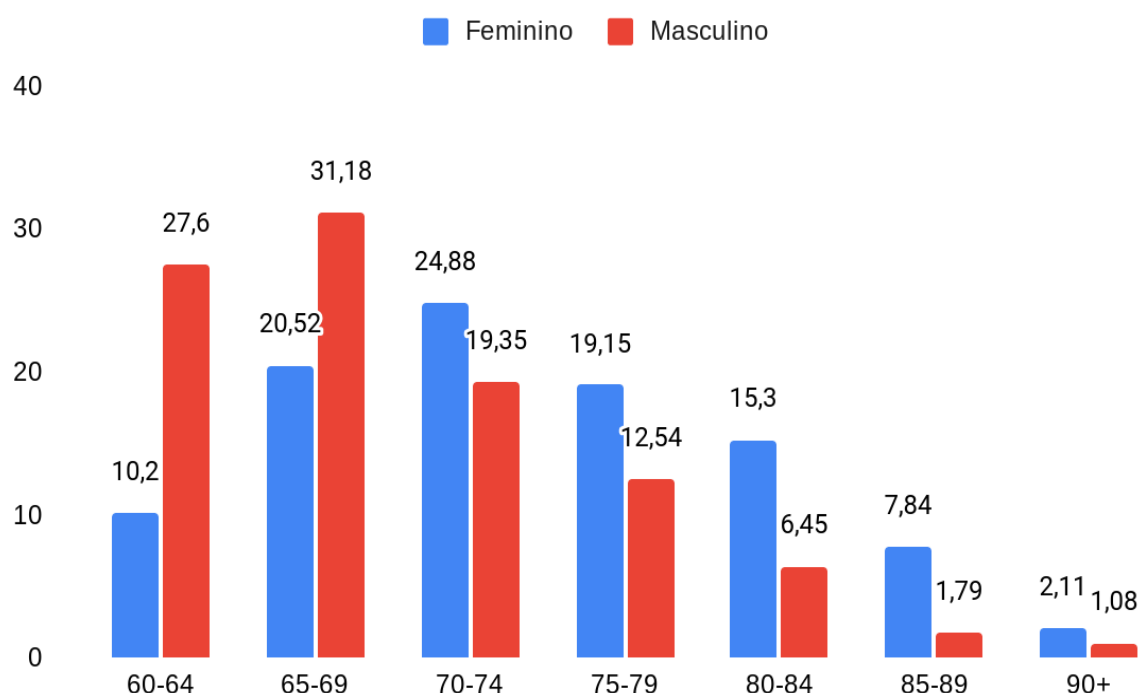
Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A maior participação de pessoas nas faixas etárias mencionadas pode indicar três principais razões ou hipóteses: a primeira é a de que, nestas faixas etárias, essas pessoas estavam mais disponíveis ou dispostas a participar. Na menor faixa etária, possivelmente menos pessoas foram encontradas em casa. Por fim, entre as faixas mais avançadas (80 anos e mais), há menor representatividade pela própria tendência histórica de expectativa de vida, resultando em menos pessoas vivas nas faixas etárias mais avançadas.

De acordo com projeção etária por estado, a cidade de São Paulo (SP) segue a tendência de comportamento das faixas etárias do país. Segundo estimativas do DataSus (2018), o número de idosos em 2022 representava cerca de 16,6% ($n=17.841.655$), estando entre os mais elevados percentuais do país, perdendo apenas para o Rio de Janeiro (RJ) (19,1%) e Rio Grande do Sul (RS) (18,6%). A estimativa para 2060 é de que SP tenha 33,04% ($n=16.720.055$) da sua população com 60 anos e mais¹.

No que se refere a distribuição da atividade remunerada por sexo e faixa de idade, o estudo mostrou que entre os idosos mais jovens, na faixa dos 60 aos 74 anos, os homens se mantêm mais ativos do que as mulheres, exercendo atividades remuneradas, enquanto entre as mulheres nas faixas mais elevadas se mantêm mais ativas, sendo mais significativas entre os 65 a 84 anos. Entre a faixa dos 80 a 85 anos, 15% das idosas ainda mantinham trabalho remunerado, enquanto na mesma faixa entre os homens, o percentual foi de 6,45%. Um dado que chamou atenção foi que, apesar da baixa representatividade, havia homens e mulheres com idade acima de 90 anos ainda ativos economicamente.

¹ Projeção realizada em: DataSus-Projeção da População das Unidades da Federação por sexo, idade simples e grupos de idade: 2010-2060 (edição 2018). Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/populacao-residente/>

Gráfico 2- Distribuição de idosos por faixa etária quanto à atividade remunerada

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

O maior predomínio de mulheres trabalhando em idades mais avançadas pode sugerir haver uma necessidade de incremento da renda nessa idade, de modo que apenas a aposentadoria (ou pensão) torna os rendimentos mensais mais baixos. Entretanto, também pode indicar que o trabalho ou profissão exercido é ainda viável ou prazeroso. De modo geral, a grande representatividade de atividade remunerada entre os participantes, nas mais distintas faixas de idade, pode retratar duas principais possibilidades: uma que indica que esses idosos chegaram nesta fase com boas condições gerais de vida e saúde, viabilizando seguir no trabalho. A outra, indica que, além da possibilidade de manter-se ativo na sociedade, podem manter atividades remuneradas para além da aposentadoria. As pessoas não querem perder redes de sociabilidade. A solidão e a falta de companhia são conhecidos problemas entre os idosos na sociedade atual (Holt-Lunstad, 2017; Ferreira, Casemiro, 2021).

Nesse sentido, aponta-se uma importante teoria que ajuda a explicar tal fenômeno: a Teoria da Atividade², que diz que se vai tudo bem no decorrer da vida, no envelhecimento as pessoas buscam seguir uma vida com atividades, que pode ser o próprio trabalho (Doll et al, 2007).

Na Tabela 1, apresenta-se os valores da renda em relação ao sexo. A diferença de média entre homens e mulheres foi de mais de R\$ 1700,00, havendo diferença significativa entre os sexos ($p < 0,001$). Entretanto, pelas grandes discrepâncias entre os valores mínimos e máximos de renda, o mais adequado neste caso é considerar a mediana (percentil 50). Nela, a diferença entre os gêneros passa a ser de R\$ 900,00. Contudo, mesmo assim, chega próximo a um salário-mínimo. Chama a atenção que na distribuição das rendas dentro dos quartis, no percentil 75, o valor máximo foi de R\$ 5.000,00 entre os homens e quase R\$ 4.000,00 entre as

² Ver: Schroots, Johannes. Theoretical developments in the psychology of aging, *Gerontologist*, v. 36, n. 6, p. 742-8. Dez, 1996, doi: 10.1093/geront/36.6.742.

mulheres. Ainda em relação aos percentis, o quarto (máximo) mostra um valor de R\$ 80.000/mês no sexo masculino, enquanto no feminino, R\$30.000,00.

Tabela 1. Diferença de renda recebida entre os sexos. São Paulo, 2020.

Sexo	n	média	dp	mínimo	p25	p50 (mediana)	p75	máx
Feminino	700	2.992,48	2.796,49	200	1.338,50	2.100,00	3.950,00	30.000,00
Masculino	333	4.714,88	6.761,56	400	1.688,00	3.000,00	5.000,00	80.000,00
Total	1033	3.548,04	4.544,69	-	1.500,00	2.400,00	4.000,00	80.000,00

Obs.: Teste de Kruskal-Wallis = 31.159 com valor de $p = 0,0001$

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A diferença entre as rendas em todas as formas de comparação, seja média, mediana ou em percentis, sempre foi mais elevada entre os homens, mostrando que as mulheres, no geral, possuem renda menor. Nesse estudo, entretanto, essa não é uma tendência isolada, mas sim o retrato da realidade brasileira (Soares, 2000; Mandel; Shalev, 2009; Pinheiro *et al.*, 2016; Fonseca *et al.*, 2018) que possui elevada distinção de renda entre homens e mulheres.

Apesar do elevado número de estudos evidenciando desigualdades de renda, o estudo de Souza e Roazzi (2020, p.299) demonstrou que, dentro do mesmo setor de atuação, os valores da renda entre os sexos feminino e masculino não mostraram diferença significativa. Apenas no setor da construção civil houve diferença significativa: os homens apresentaram valor de renda 5,3% maior do que as mulheres. Interessante pontuar que o mesmo estudo mostrou que homens apresentaram maior propensão a ocuparem cargos de supervisão, gerência, direção ou presidência (17.7% vs. 12.6%, com $p = .05$).

De acordo com um estudo divulgado pelo Instituto Ethos (2018), as posições de liderança no país são ocupadas, quase na totalidade, por homens. Segundo o estudo, mulheres em cargos de alta gerência são uma minoria na América Latina. Dos 480 executivos em cargos de alta gerência em empresas, apenas 15% eram mulheres e, destas, apenas 2% ocupavam cargos nível 1 em suas empresas.

Souza e Roazzi (2020) também mostraram que o número de anos na empresa entre os homens e mulheres apresentaram semelhança estatística. Contudo, em relação ao número de horas trabalhadas, os homens trabalhavam, estatisticamente, mais horas por semana do que as mulheres (1.98 horas ou 5.1% a mais) e ganhavam mais (R\$ 622,58/mês ou 37.1% a mais)" (p. 299). Nesse sentido, pode-se pensar nas desigualdades e desvantagens na renda pelas questões clássicas: mulheres dedicam menos horas à empresa pois trabalham também em atividades de cuidado da família e do lar. Isso significa que suas atividades profissionais não as isentam dos trabalhos domésticos (IPEA, 2017).

Outro dado investigado foi o recebimento de renda entre os sexos. Conforme apresentado na Tabela 2, quase 10% das mulheres ainda não possuíam renda. Em contrapartida, no sexo masculino, esse percentual não chegou a 2,5%. O teste de associação mostrou-se altamente significativo ($p < 0,01$), mostrando uma relação entre o sexo e a falta de renda. Observando a presença ou ausência de renda dentro de cada sexo, o cenário se torna mais positivo para as mulheres, pois mais de 90% delas responderam que possuíam renda. Entretanto, entre os homens, o percentual de renda é de quase 98%.

Tabela 2. Predominância de recebimento de renda entre os idosos de acordo com o sexo. São Paulo, 2020.

Sexo	Tem renda	Não tem renda	Total
Feminino	674 (L 90,71 _ C 66,80)	69 (L 9,29 _ C 89,61)	743 (L 100,00 _ C 68,42)
Masculino	335 (L 97,67 _ C 33,20)	8 (L 2,33 _ C 10,89)	343 (L 100,00 _ C 31,58)
Total	1009 (L 92,82 _ C 100,00)	77 (L 7,18 _ C 100,00)	1086 (L 100,00 _ C 100,00)

Obs.: χ^2 de Pearson = 17,2282 valor de $p = 0,0000$; L=valores considerando a linha (feminino ou masculino); C=análise considerando a coluna (feminino x masculino).

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Em uma primeira análise, pode-se dizer que há uma forte diferenciação entre os gêneros no recebimento de renda. O que poderia explicar tais resultados, especialmente em uma população já idosa sem renda, podem, em nossa ótica, ser o resultado de problemas no mundo do trabalho ao longo da vida adulta. Estes desafios incluem o trabalho informal, ocupações desgastantes que levaram à incapacidades e resultam em desemprego na fase adulta madura ou ainda atividades do lar, que não são financeiramente compensadas. No caso dos homens, pode-se pensar na lógica do desemprego pela questão da idade, implicando em dificuldades de ter trabalhos compatíveis e possíveis nesta faixa de idade, ou mesmo trabalhos informais ao longo da vida.

Destaca-se nesse sentido que, apesar de muitos direitos serem conquistados na fase idosa, eles não são garantidos a todos. Segundo Cobos e Almendro (2008), mulheres possuem menor proteção e segurança na fase idosa por questões de trabalho informal, menor grau de escolaridade e recebimento de menores salários (Cobos, Almendro, 2008). Esses dados também são confirmados no estudo de Calasanti (2004), que afirmou que as mulheres têm pior condições de vida se comparadas aos homens ao longo da vida, por terem menor acesso a recursos e oportunidades desiguais. Esses fatores geram impactos contínuos e cumulativos na vida social e econômica no envelhecimento.

A Tabela 3, apresenta os dados referentes à atividade remunerada entre os sexos. Observa-se que um total de 74% ($n=595$) declarou não realizar mais atividade remunerada. Na comparação entre os sexos, mais de 80% ($n=595$) das mulheres idosas referiram não mais exercer atividade remunerada, enquanto entre os idosos, o percentual foi de pouco mais que 61%. Proporcionalmente, pode-se dizer que há quase o dobro de homens idosos exercendo trabalho remunerado em relação às mulheres. O teste de Qui-Quadrado mostrou que há associação significativa entre exercer ou não atividade remunerada e o sexo ($p=0,000$).

Tabela 3. Atividade remunerada por sexo, São Paulo, 2020.

Sexo	Com ativ remunerada	Sem ativ remunerada	Total
Feminino	147 (L 19,81 _ C 52,50)	595 (L 80,19 _ C 73,91)	742 (L 100,00 _ C 68,39)
Masculino	133 (L 38,78 _ C 47,50)	210 (L 61,22 _ C 26,09)	343 (L 100,00 _ C 31,61)
Total	280 (L 25,81 _ C 100,00)	805 (L 74,19 _ C 100,00)	1085 (L 100,00 _ C 100,00)

Obs.: χ^2 de Pearson = 44,0598 valor de $p = 0,0000$; L=valores considerando a linha (feminino ou masculino); C=análise considerando a coluna (feminino x masculino).

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

De acordo com Cardoso, Dietrich, Souza, (2021), se manter economicamente ativo independentemente da velhice é um privilégio. Segundo dados da pesquisa que contou com os dados

populacionais da PNAD em três diferentes períodos (1997, 2007, 2017), apenas 15% da população idosa ainda se mantinha ativa na faixa de idade acima dos 65 anos (em 2017). Entre a população de 75 anos e mais, o percentual declinou para cerca de 5,5% no ano de 2017.

Dados da PNAD (2021) mostraram que a população fora da força de trabalho era composta em sua maioria por mulheres. No 1º trimestre de 2021, elas representavam 64,2%” (p. 36). De acordo com o inquérito, essa configuração não havia se alterado significativamente ao longo da série histórica levantada.

Um estudo do IPEA (2017) demonstrou que as mulheres trabalham em média 7,5 horas a mais que os homens e recebem menos. A pesquisa, ao contrário do que mostrou o estudo de Souza e Roazzi (*op. cit.*), apontou que, em 2015, a jornada média de trabalho das mulheres era de 53,6 horas, e a dos homens 46,1 horas. A respeito das atividades não remuneradas, mais de 90% das mulheres afirmaram realizar atividades domésticas sem remuneração. E em relação a escala de remuneração, os resultados seguiram as séries históricas: homens brancos tinham os melhores rendimentos, seguidos de mulheres brancas, posteriormente homens negros e mulheres negras. As mulheres também apresentaram maior taxa de desocupação: 11,6%, enquanto entre os homens foi de 7,8%.

Na Tabela 4, é apresentada a frequência dos tipos de aposentadoria entre os gêneros. Ficou visível que a maior frequência de aposentadoria por idade estava entre as mulheres, enquanto a aposentadoria por tempo de serviço entre os homens. Houve associação significativa ($p=0,001$) entre o gênero feminino e a aposentadoria por idade, corroborando com os dados apresentados por Neumann *et al.* (2022).

Tabela 4. Tipo de aposentadoria por sexo. São Paulo, 2020.

Sexo	Sim, por idade	Sim, por tempo de serviço	Total	Qui-quadrado P
	n (%)	n (%)	n (%)	
Feminino	204 (27,49)	290 (39,08)	742 (100,00)	0,001
Masculino	62 (18,02)	232 (67,44)	344 (100,00)	
Total	266 (24,49)	522 (48,07)	1086 (100,00)	

Obs.: χ^2 de Pearson = 84,8785 valor de $p = 0,0000$
 Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A modalidade de aposentadoria por idade, antes da reforma da previdência, considerava as seguintes condições para mulheres e homens: para a mulher, 60 anos de idade + 15 anos de contribuição e, para o homem, 65 anos de idade + 15 anos de contribuição. Já a aposentadoria por Tempo de contribuição para a mulher considerava o mínimo de 28 anos de contribuição e, para o homem, mínimo de 33 anos de contribuição³.

A maior prevalência de aposentadorias por idade para as mulheres pode representar uma forma mais “facilitada” de acesso ao direito, enquanto a aposentadoria por tempo de contribuição poderia ser mais dificultosa. Entre algumas possíveis hipóteses que podem contribuir para justificar tal dado estão: a) a maternidade, quando a mulher se desvincula do trabalho formal por um período para cuidar dos primeiros

³ Regra antiga para quem contribuía/pagava o INSS antes da Reforma, até 13/11/2019. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/novaprevidencia/>

anos de vida da criança; b) trabalhos informais em alguns momentos da vida, quando deixam de contribuir e c) pela jornada tripla (trabalho doméstico mais o trabalho formal ao longo da vida) a busca por descanso na fase idosa se torna um desejo/necessidade. Nesse caso, aponta-se que a terceira hipótese possa ser a mais representativa para as mulheres deste estudo. Entretanto, isso não é uma regra.

De acordo com Debert (1999) a aposentadoria deixou de ser um momento de descanso e recolhimento e tornou-se uma fase de atividade e lazer. Entretanto, a pesquisadora nos lembra que a aposentadoria é heterogênea e complexa, em que, para muitos idosos e idosas, pode significar o desengajamento da vida social, enquanto para outros, é liberdade, início de uma vida social prazerosa, quando passam a usufruir do tempo (Debert, 1999).

Em relação ao recebimento de pensão, um pequeno percentual de participantes, entre os homens (3,31%) e mulheres (7,69%), referiram receber pensão vitalícia, conforme mostrado na Tabela 5. A análise não mostrou haver nenhuma associação sobre a variável e o sexo.

Tabela 5. Recebimento de pensão por sexo, São Paulo, 2020.

Sexo	Sim, do(a) cônjuge	Sim, vitalícia	Total	p
	n (%)	n (%)	n (%)	
Feminino	224 (30,85)	24 (3,31)	726 (L 100,00 _ C 100,00)	0,46
Masculino	22 (L 6,71 _ C 8,94)	2 (L 0,61 _ C 7,69)	328 (L 100,00 _ C 31,12)	
Total	246 (L 23,36 _ C 100,00)	26 (L 2,47 _ C 100,00)	1054 (L 100,00 _ C 100,00)	

Obs.: χ^2 de Pearson = 85,0385 valor de p = 0,46
 Fonte: Dados da pesquisa (2020)

As divergências no tratamento entre o sexo ocorrem não apenas na rotina diária, mas também estão presentes com relação ao ciclo de trabalho. Em momentos de crises e falta de emprego, o trabalho das mulheres é o mais prejudicado, com maior propensão à ruptura (Hirata, 2002).

Um estudo de base populacional no município de São Paulo (Sousa *et al.*, 2018) com 986 idosos, entre 2014 e 2015, mostrou que 16,25% das mulheres e quase o dobro dos homens (29,6%) exerciam trabalho remunerado, havendo diferença entre os sexos ($p < 0,001$). Em relação ao trabalho, 6,7% das mulheres e mais do que o dobro dos homens (14,3%) ainda trabalhava. Estes dados vêm ao encontro de nosso estudo.

A Tabela 6 mostra a prevalência dos tipos de aposentadoria por sexo. Dos 1086 idosos que responderam à pergunta, um total de 25,4% ($n=276$) afirmou que não era aposentado, sendo que no percentual por sexo, 11,9% ($n=41$) eram homens, e mais do que o dobro, (31,7%; $n=235$), mulheres. A análise do teste Z mostrou haver diferença significativa entre os sexos nas aposentadorias por idade, por tempo e serviço, bem como entre os não aposentados.

Tabela 6. Prevalência dos tipos de aposentadoria por sexo. Teste Z para duas proporções. São Paulo, 2020.

Variável	N (sim, por idade)	%	Valor de p
Feminino	204	27,49	0,0007
Masculino	62	18,02	
Total	266	24,49	

Variável	N (sim, por invalidez)	%	Valor de p
Feminino	13	1,75	0,3437
Masculino	9	2,69	
Total	22	2,03	
Variável	N (sim, por tempo de serviço)	%	Valor de p
Feminino	290	39,08	> 0,001
Masculino	232	67,44	
Total	522	48,07	
Variável	N (não)	%	Valor de p
Feminino	235	31,67	> 0,001
Masculino	41	11,92	
Total	276	25,41	

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

O sexo feminino apresentou um percentual bastante expressivo e significativo estatisticamente de não aposentaria em comparação com os homens. Entre as diferentes modalidades de aposentadoria, ficou evidente que a mulher, de forma mais prevalente e significativa, se aposenta assim que atinge a idade mínima (27,5%), enquanto o homem se aposenta quando cumpre o tempo em anos de trabalho (67,4%). Chamou a atenção que mais homens se aposentaram por invalidez (2,7%) do que mulheres (1,8%). O resultado permite inferir que os homens ao longo da vida realizaram trabalhos mais perigosos ou degenerativos do que as mulheres.

A pesquisa de Cardoso, Dietrich, Souza (*op. cit*) mostrou que as aposentadorias e pensões foram os componentes mais importantes dos rendimentos dos idosos, e, segundo os pesquisadores, elas reduzem as desigualdades de renda (Cardoso, Dietrich, Souza, 2021). Assim, apesar deste estudo demonstrar grandes distâncias entre os valores de renda entre homens e mulheres idosas, deve-se considerar que a aposentadoria muito contribui para minimizar as desigualdades. Isso porque, na fase idosa, torna-se possível receber um valor mínimo e fixo de renda, algo que nem sempre é garantido durante o período de trabalho.

O estudo de Costa e Miranda (2008) revelou que há “diferenças conceituais entre os gêneros para a previdência social, refletindo em desigualdades no acesso aos benefícios previdenciários” e, nesse sentido, “as políticas públicas previdenciárias assumem especial relevância com o intuito de reverter esse quadro de desigualdade” (p.245). Os dados do estudo das pesquisadoras mostraram que uma parcela importante não recebia nem aposentadoria nem pensão, sendo 20,4% de homens e 24,6% de mulheres (Costa; Miranda, 2008).

A Tabela 7 apresenta os indicadores de recebimento de pensão entre os participantes. Em um total de 1054 respostas, 74,17% (n=782) referiram não receber nenhuma pensão. Do total de pensionistas (25,81%), uma significativa parcela feminina, representada por mais de 30% (n=224), recebia a pensão do cônjuge, enquanto, entre os homens, a pensão por morte foi de apenas 6,71% (n=22), concordando com o estudo de Neumann *et al* (2022). O teste Z mostrou haver diferença significativa entre os sexos. Em relação à pensão

vitalícia, houve uma pequena frequência em ambos os gêneros, que também apontou para o mesmo comportamento da situação anterior: uma frequência bem maior (e significativa) de pensões vitalícias no sexo feminino.

Tabela 7. Recebimento de pensão por sexo. São Paulo, 2020.

Variável	N (sim, do cônjuge)	%	Valor de p
Feminino	224	30,85	>0,001
Masculino	22	6,71	
Variável	N (sim, vitalícia)	%	Valor de p
Feminino	24	3,31	0,0011
Masculino	2	0,61	
Variável	N (não)	%	Valor de p
Feminino	478	65,84	>0,001
Masculino	304	92,68	
Total	782	74,19	

Obs.: Teste Z para duas proporções.

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Neri (2007) realizou uma pesquisa a respeito das condições sociais e demográficas dos idosos do Brasil e constatou que 92% dos idosos participantes da pesquisa possuíam alguma fonte de renda própria, sendo ela a aposentadoria na maioria das vezes. Entre os homens idosos, havia mais ocorrência de aposentadoria por tempo de serviço, com 39%, assim como em nosso estudo. Grande parte dos idosos (88%) comprometiam a sua renda com as despesas da família. Dentre os idosos, 79% eram aposentados, e entre eles, 18% ainda trabalhavam. Os idosos que ainda possuíam atividade profissional com remuneração e não estavam aposentados eram 15%. Além disso, 36% permaneciam dentro a População Economicamente Ativa (PEA), da qual 13% eram mulheres, sendo 8% não aposentadas e 5% aposentadas que permaneciam trabalhando ativamente.

Em resumo, esse estudo mostrou que mulheres se aposentam mais cedo, na modalidade de aposentadoria por idade, havendo associação entre os dados dessa modalidade de aposentadoria com o sexo feminino. Ainda no tocante ao sexo feminino, a questão da renda segue sendo menor do que a dos homens, seguindo os índices dos estudos de base populacional. As condições desiguais da velhice não se apresentam como um fato isolado da velhice, mas sim como o resultado de um percurso ao longo da vida, de baixa escolaridade e baixos salários. Entretanto, espera-se que, ao longo das décadas, a situação de trabalho e renda da mulher seja valorizada, bem como o trabalho doméstico não remunerado, nem mesmo reconhecido socialmente.

4 Considerações finais

O estudo mostrou haver uma parcela importante de idosos e idosas ativos, na qual as mulheres eram menos ativas economicamente do que os homens. Entretanto, os homens economicamente ativos estavam nas faixas de idade mais jovens, enquanto as mulheres que ainda trabalhavam estavam nas faixas de idade mais avançadas, sinalizando, nesse sentido, que as mulheres talvez consigam resistir mais tempo trabalhando

em atividades remuneradas. Enquanto isso, os homens, à medida que vão avançando na idade, se desligam totalmente de atividades remuneradas.

Neste estudo, ficou evidente as grandes disparidades entre as rendas por sexo. Apesar do estudo não ter explorado as profissões e cargos dos participantes nesse ensaio, fica visível que as mulheres, ao longo de suas vidas, receberam menos do que os homens em suas profissões, atuando possivelmente em cargos inferiores, com uma diferença mediana de mais de R\$900,00.

Pondera-se que, socialmente, a mulher segue com uma dupla jornada de trabalho, na tentativa de cuidar de tarefas do lar e manter uma vida profissional, e, por vezes, deixa o trabalho profissional de lado para dedicar-se ao cuidado de filhos, familiares e/ou casa.

Quanto à aposentadoria, observou-se que, proporcionalmente, menos mulheres recebiam aposentadoria em relação aos homens. Quando aposentadas, a maior prevalência esteve na modalidade por idade, cuja principal hipótese é de que a jornada dupla de trabalho (doméstico mais o trabalho formal) ao longo da vida poderia influenciar sobre a busca da aposentadoria mais cedo, a qual pode ser mais rápida, porém, com menores ganhos reais. Entre os homens, houve um predomínio na aposentadoria por tempo de serviço e por invalidez.

O trabalho na velhice pode significar para muitos idosos como uma oportunidade de engajamento social quando exercem o trabalho em uma atividade que se almejou durante muito tempo. Isso pode fazer com que o idoso mantenha o poder de decisão em sua casa, além de uma melhora na autoestima, que também pode trazer conforto físico, emocional e social. Entretanto, também pode apresentar perspectivas negativas, como a necessidade de aumento da renda, a existência de vínculos empregatícios mais frágeis, e trabalho com menos qualificação, o que gera rendimentos inferiores.

Referências

AGÊNCIA IBGE DE NOTÍCIAS. População brasileira deve chegar ao máximo (228,4 milhões) em 2042. **IBGE**, 2013. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14462-asi-populacao-brasileira-deve-chegar-ao-maximo-2284-milhoes-em-2042#:~:text=Em%202060%2C%20o%20percentual%20da,era%20de%207%2C4%25>. Acesso em 23 set 2023.

AGÊNCIA IBGE DE NOTÍCIAS. População cresce, mas número de pessoas com menos de 30 anos cai 5,4% de 2012 a 2021. **IBGE**, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021>. Acesso em: 23 set 2023.

ALMEIDA, Alessandra Vieira *et al.* A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. **Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 115 - 131, jan./jun. 2015.

BULLA, Leonia Capaverde *et al.* **Relações de gênero e aposentadoria: uma abordagem sobre a família, as relações sociais e as condições de vida na velhice**. II SERPINF (Seminário Regional Políticas Públicas Intersetorialidade e Família: formação e intervenção profissional) 2013. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/anais/serpinf/2014/assets/18.pdf>. Acesso em 08 abril 2021.

CALASANTI, Toni. Feminist gerontology and old men. **The Journals of Gerontology**. Estados Unidos, v. 59, n. 6, p. 305-314, nov. 2004.

CAMARANO, Ana Amélia. FERNANDES, Daniele.; KANSO, Solange. **Saída do mercado de trabalho: qual é a idade?** Boletim de Mercado de Trabalho – conjuntura e análise. Rio de Janeiro, v. 1, p. 19-28, 2012.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; FERNANDES, Daniele. Mercado de Trabalho: conjuntura e análise. **IPEA/MTE**. Brasília, v. 17, n. 51. 2012.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão. **Quão além dos 60 poderão viver os idosos brasileiros?**. Cap 2. *In*: Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60? Organizado por Ana Amélia Camarano - Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CARDOSO, Eliana; DIETRICH, Thais Peres; SOUZA, André Portela; Envelhecimento da população e desigualdade. **Jornal de Política Econômica**, São Paulo, v. 41, 1, Jan-Mar, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/vFv4GTBxXwbp4jkRScDWCQQ/?lang=pt#>. Acesso em: 26 maio de 2021.

COBOS, Francisca Muñoz; ALMENDRO, Juan Manuel Espinos. Envejecimiento activo y desigualdades de género. **Atención Primaria**. Espanha, 2, v. 40, n. 6, p. 305-309, Jun, 2008.

COSTA, Eliane Romeiro; MIRANDA, Giovana Guimarães de. Proteção previdenciária, gênero e renda na idade avançada. **Sociedade e Cultura**. Goiânia, v.11, n.2, p. 245 a 250, jul/dez. 2008.

DARDENGO, Cassia Figueiredo Rossi; MAFRA, Simone Caldas Tavares Mafrá. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação? **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, v. 18, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8923>. Acesso em: 6 abr. 2021.

DEBERT, Guita. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Universidade de São Paulo/Fapesp, 1999.

DOLL, Johannes et al. Atividade, desengajamento, modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v. 12, n.12, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4977>. Acesso em: 11 out 2021.

FÉLIX, Jorge. **O idoso e o mercado de trabalho**. Capítulo publicado em: Política nacional do idoso: velhas e novas questões / Alexandre de Oliveira Alcântara, Ana Amélia Camarano, Karla Cristina Giacomini - Rio de Janeiro: Ipea, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9092>. Acesso em: 6 abr. 2021.

FERREIRA, Heloísa; CASEMIRO, Níldila Villa. Solidão em idosos e fatores associados. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 9, n. 1, P. 89-98, 2021.

FONSECA, Maylisson Rodrigo *et al.* Diferenças Salariais e Discriminação por Gênero e Cor na Região Norte do Brasil. **Revista de Políticas Públicas**. São Luís (MA), v. 21, n.2, p. 739-759, 2018.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

HOLT-LUNSTAD, Julianne. e potential public health relevance of social isolation and loneliness: prevalence, epidemiology, and risk factors. **Public Policy & Aging Report**, v. 27, n. 4, p. 127-30, 2017.

DOI: <https://doi.org/10.1093/ppar/prx030>

IBGE, Agência de Notícias. **Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017**. 26 abril 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-denoticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>.

Acesso em: 06 abril 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA- IPEA. **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, divulgado nesta segunda-feira, dia 6, analisa indicadores com base na Pnad, 2017**. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526. Acesso em: 27 out 2021.

INSTITUTO ETHOS. Brasil é o segundo país com menos mulheres em cargos de alta gerência, revela pesquisa. **Notícias Instituto Ethos**. Disponível em: <https://www.ethos.org.br/cedoc/brasil-e-o-segundo-pais-com-menos-mulheres-em-cargos-de-alta-gerencia-revela-pesquisa-que-ouviu-executivos-da-america-latina/>.

Acesso em: 23 set 2023.

KHOURY, Hilma Tereza Tôres *et al.* Por que aposentados retornam ao trabalho? O papel dos fatores psicossociais. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, p. 147-165, jun. 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/4867/3448>. Acesso em: 07 abril 2021.

LASLETT, [Laslett](#). The Emergence of the Third Age. **Ageing and Society**. Cambridge. v. 7, n.2, 133-160. Jun 1987. Disponível em: <http://dx.doi.org/doi:10.1017/S1368980008002541>. Acesso em: 7 abr. 2021.

MANDEL, Hadas; SHALEV, Michael. How Welfare States Shape the Gender Pay Gap: A Theoretical and Comparative Analysis. **Social Forces**. Chapel Hill, v. 87, n.4, p 1873-1911, 2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40345002>. Acesso em: 22 out. 2021

MATTEI, Lauro. Discriminação de Rendimentos no Mercado de Trabalho: Evidências a Partir de Santa Catarina. **SER Social**. Brasília, v.19, n.40, p. 95-111, 2017.

NERI, [Anita Liberalesso](#). (org.). **Idosos no Brasil vivências, desafios e expectativas na 3ª idade**. Coedição Fundação Perseu Abramo e edições SESC SP. São Paulo, p. 288, 2007.

NEUMANN, Alessandra P. F. M et al. Fontes de renda de idosos residentes em um grande centro urbano segundo o perfil sociodemográfico. **Revista Valore**, São Paulo, v.7, e-7020, 2022.

PINHEIRO, Luana Simões *et al.* **Mulheres e trabalho**: breve análise do período 2004-2014. Nota Técnica nº 24. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Governo Federal, 2016.

PNAD contínua-Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua-. IBGE (2021). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios** -Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Jan-Março, 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2021_1tri.pdf. Acesso em: 12 set 2021.

RIBEIRO, Graciele Gentil *et al.* **Perspectivas sobre a aposentadoria e o trabalho na pós-aposentadoria na terceira idade: revisão da literatura brasileira entre 1994 e 2014.** XIV SEPA - Seminário Estudantil de Produção Acadêmica, UNIFACS, 2015. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/view/3788/2762>. Acesso em: 7 abr. 2021.

RODRIGUES, Lizete de Souza.; SOARES, Geraldo Antonio. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. **Revista Ágora.** Vitória, v. 4, p. 1-29, 2006. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/agora/article/download/1901/1413>. Acesso em: 07 abr. 2021.

SOARES, Sergei Suarez Dillon. **Perfil da discriminação no mercado de trabalho: homens negros, mulheres brancas e mulheres negras.** Repositório do Conhecimento do Ipea, 2000. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/2295>. Acesso em: 14 ago. 2021

SOUSA, Neuciani Ferreira da Silva. Envelhecimento ativo: prevalência e diferenças de gênero e idade em estudo de base populacional. **Caderno de Saúde Pública.** Rio de Janeiro, v. 34, n.11, e00173317, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/CgHpmyrd4pDy3yq5dMLmLbs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2021.

SOUZA, Bruno Campello de; ROAZZI, Antonio. Desigualdade de renda entre homens e mulheres: uma visão mais ampla incluindo escolhas, satisfação e percepção de capacidade. -**Revista EDUCamazônia- Educação Sociedade e Meio Ambiente.** Humaitá, v. 13, v. XXIV, n. 1, p. 287-313, Jan-Jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/7679/5377>. Acesso em: 17 out. 2021

SOUZA, Michele Souza e. Desafios do envelhecimento populacional: como as legislações destinadas aos idosos têm lidado com essa demanda? **Revista de Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**, v.20, n.1, p. 159-175, 2015.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos Psicológicos.** Campinas, v. 25, n. 4, p. 585-593, Dez. 2008.

Submissão: 25/10/2021

Aceite: 10/06/2023

Como citar o artigo:

NEUMANN, Alessandra Paula Ferreira Moreira et al. Associação das fones de renda com o sexo de idosos e, m uma coorte populacional de classe média-alta em um grande centro urbano. **Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 28, e119519, 2023. DOI: 10.22456/2316-2171.119519

